



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15872 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 19 - Educação Matemática

O QUE O PEDAGOGO TEM A VER COM O APRENDER E ENSINAR MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?

Jane Maria Braga Silva - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

O QUE O PEDAGOGO TEM A VER COM O APRENDER E ENSINAR MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?

O presente trabalho tem como objetivo apresentar discussões sobre o papel da Coordenação Pedagógica em articular o coletivo de profissionais que atuam na instituição escolar em especial na área da Matemática. Trata-se de um recorte de tese de doutorado, com abordagem narrativa, que utilizou os dispositivos: entrevistas, biogramas, revisão de literatura e análise de documentos para a construção de sentidos sobre o aprender e ensinar Matemática após a participação de professoras e de coordenadoras pedagógicas no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

Para a pesquisa foram realizadas entrevistas com 8 professoras – Cleo, Maria, Ellen, Karla, Rose, Tânia, Lara e Lúcia – e com 3 coordenadoras pedagógicas – Luísa, Maria Luiza e Mônica – que participaram do PNAIC, em especial no ano de 2014 que focou na alfabetização matemática (Brasil, 2014). Excertos foram cruzados com a experiência da pesquisadora para ampliar os sentidos desse programa.

Os diálogos trazidos para a pesquisa consideraram concepções de trabalho coletivo e coletivo de trabalho (Clot, 2007, 2010), os saberes docentes (Tardif, 2012), a escola reflexiva (Alarcão, 2000), o papel da coordenação pedagógica (Vasconcelos, 2002), o ciclo de vida dos professores (Huberman, 2013), entre outros.

Os dados produzidos durante a pesquisa apontaram para um conhecimento da área da matemática do pedagogo muito restrito e com muitos indícios de sua experiência enquanto

discente. Algumas participantes narraram que o curso de Pedagogia “era simplesmente fazer exercícios, não tinha matemática aplicada a séries iniciais” (Maria Luíza, 2019) e que, por isso, buscaram formações como a do PNAIC que contribuiu para a aprendizagem de conteúdos e estratégias para o ensino de matemática e que subsidiou práticas docentes e de coordenação, pois algumas delas atuam nas duas funções.

Na função específica de coordenação pedagógica indicam que o PNAIC também favoreceu o contato com livros de literatura e de formação com práticas diversas que foram incorporadas na escola com a adoção, por exemplo, da leitura deleite e da caixa matemática: “quem entra, os professores que vão chegando, eles já vão tendo essa [...] participando dessa vivência” (Maria Luíza, 2019). A coordenadora destaca que são práticas informadas e vivenciadas em reuniões pedagógicas com todos os professores da escola. Ela remete a um trabalho que aos poucos provocam mudanças de crenças, atitudes e práticas, sobretudo, quando envolve a matemática.

Comungo com ela a necessidade de buscar ou ressignificar conhecimentos que ajudem a “*dar conta*” das demandas e das diversidades da escola, sendo mesmo “*um trabalho de formiguinha*”. Maria Luíza aludiu ao trabalho de formiguinha para indicar a lentidão e o tempo necessário para as mudanças que não ocorrem do dia para a noite. Recorro ao trabalho da formiguinha para acrescentar o trabalho da coletividade. Dificilmente vemos uma formiga trabalhando solitariamente, ao contrário, deparamo-nos com uma fileira de formigas trabalhando juntas para prover seus ninhos.

Assim, o trabalho coletivo é necessário para desconstruir o imaginário do professor indicado por Vasconcelos (2002, p. 120): “o imaginário do professor está muito marcado pelo individualismo: é cada um na sua sala de aula, na sua lida, no seu trabalho”. Esse pensamento favorece o isolamento dos professores e o desafio aumenta frente às mudanças pelas quais passam escola e sociedade. O autor salienta ainda que “devemos considerar que o trabalho do professor tem uma dimensão essencialmente coletiva: não é o único que atua na escola e o que faz não é só para si”, pois presta um serviço a toda uma comunidade. E que “o sujeito isolado, lutando por uma nova ideia, não vai muito longe”.

Vasconcelos (2002, p. 95-96), ao discorrer sobre o papel da supervisão educacional/coordenação pedagógica, destaca vários aspectos, entre eles, a sensibilidade e a confiança. Salienta a capacidade de estar aberto para perceber o outro, reconhecendo as demandas e as potencialidades do grupo com que trabalha para “construir uma prática educativa transformadora, libertadora, onde todos possam se tornar mais humanos, livres, solidários, justos”. O autor utiliza a metáfora de tradição oriental que, “para confiar em alguém é necessário comer um saco de sal junto”. Assim, enfatiza que “a confiança não vem por decreto; conquista-se com o tempo”.

Para “comer um saco de sal junto”, é preciso tempo e espaços comuns com sentimentos de pertencimento para que a práxis seja construída e ainda crenças e valores

possam ser refletidos. Quando foco na alfabetização matemática, saliento que a aproximação com essa área, em seus diferentes saberes, precisa habitar todos os profissionais e a coordenação será um elo importante nessa corrente, colocando-se também na postura de aprendiz e de incompletude.

O pedagogo é especialista em articular o processo de formação dos docentes reconhecendo-os como plurais (Tardif, 2012) e deve favorecer o compartilhamento de expectativas, anseios, práticas, para juntos trabalharem de forma interdisciplinar a fim de se construir caminhos possíveis, sempre num processo de autoavaliação e de planejamento.

Os saberes têm que ser compartilhados e construídos “para o trabalho, no trabalho e pelo trabalho” e como destaca Alarcão (2000, p. 18) “tem de construir-se no diálogo do trabalho com os outros e na assunção de objetivos comuns. Nesse espírito, o professor deixa para trás o individualismo que o tem caracterizado e assume-se como parte activa do todo coletivo”. Assim, ao assumir “enquadra-se num processo de formação em contexto profissional, aprende na partilha e no confronto com os outros, qualifica-se para o trabalho, no trabalho e pelo trabalho”.

Ao tomar conhecimento da abordagem de Huberman (2013) sobre as etapas do ciclo de vida dos professores: entrada na carreira, estabilização, diversificação, serenidade e distanciamento afetivo, conservadorismos e lamentações e suas possíveis implicações, tomei mais consciência da importância da coordenação pedagógica oportunizando espaços e tempos para a formação em contexto.

Na conversa com as professoras e coordenadoras pedagógica, partilhamos impressões, desafios e “paixões” pelo PNAIC. Elas indicaram que a mudança requer esforços, tempo, estudos e que a formação em momentos de reunião pedagógica é oportunidade para partilhar situações desconfortáveis, mas também para planejar os projetos a serem trabalhados com os alunos com posturas que prezam pelo seu protagonismo.

As professoras e as coordenadoras deram mais indícios de que o desenvolvimento profissional não se faz de maneira isolada e solitária, sendo o PNAIC uma política exitosa que carência de continuidades.

Palavras-chave: Desenvolvimento profissional docente. Coordenação Pedagógica. Aprender e ensinar Matemática. Trabalho coletivo e coletivo de trabalho.

Referências:

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e supervisão:** uma escola em desenvolvimento e aprendizagem. Porto: Editora Porto, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Apresentação. Brasília: MEC/SEB, 2014.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2013. p. 31-61.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.